



SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 9 de setembro de 2012

<b>A CRITICA</b> No Brasil e no mundo..... ECONOMIA	1
<b>A CRITICA</b> Novo auditor chefe da Suframa..... DINHEIRO	2
<b>AMAZONAS EM TEMPO</b> Lenovo traça planos para ampliar fatia do mercado ..... ECONOMIA	3
<b>AMAZONAS EM TEMPO</b> Lenovo traça planos para ampliar fatia do mercado (continuação) ..... ECONOMIA	4
<b>AMAZONAS EM TEMPO</b> Alfredo MR Lopes ..... ECONOMIA	5

## No Brasil e no mundo

# Para entender o momento econômico



Ministro da Fazenda, Guido Mantega, acredita na estabilidade interna

O governo brasileiro vem tentando manter a estabilidade econômica do País com algumas medidas consideradas por alguns como "radicais".

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, vem promovendo uma redução gradual na taxa de juros para estimular o consumo interno.

"Essa medida foi necessária para manter a economia do País aquecida, já que a crise econômica nos Estados Unidos e na Europa fez cair o consumo de produtos brasileiros no exterior", explica o executivo Luiz Bacellar.

Com os juros mais baixos, o volume de crédito ao consumidor brasileiro aumentou, o que impactou diretamente na produção industrial nacional.

"A indústria brasileira já estava sentindo uma forte retração em seu crescimento, pois as pessoas estavam com receio de contrair dívidas por causa dos juros altos. Agora, com os cortes na Selic, o governo espera espantar o fantasma da recessão que ainda ronda o Brasil", avalia.

### IMÓVEIS

Luiz Bacellar comenta que uma das aplicações mais rentáveis atualmente são os fundos imobiliários, que garan-

### SAIBA MAIS

#### Debêntures também são boa opção

As debêntures de grandes empresas nacionais estão, atualmente, entre os melhores investimentos, segundo o executivo Luiz Bacellar. Debênture é um título de crédito representativo de empréstimo. Ou seja, ela comprova a compra de títulos de determinada empresa, que poderão ser resgatados no futuro com certa rentabilidade.

tem boa rentabilidade ao investidor e ainda são isentos de Imposto de Renda.

"Nessa modalidade, de investimento, um grupo de investidores adquire um imóvel, seja ele comercial ou residencial. A rentabilidade do negócio vem dos aluguéis das salas, galpões ou apartamentos, que são rateados entre os participantes do fundo.

A Ação Investimento, corretora que trabalha com fundos imobiliários em Manaus, fará uma palestra sobre o assunto nesta terça-feira, às 19h, na livraria Saraiva do Manauara Shopping. Informações pelo telefone 3305-1500.

## Novo auditor chefe da Suframa

Arnaldo Gomes Flores é o novo auditor-chefe da Suframa. Ele é funcionário de carreira da Controladoria Geral da União (CGU), onde trabalhou na Divisão de Fiscalização, sendo chefe nas regionais de Alagoas e do Mato Grosso. Ao todo, foram 14 anos na Controladoria-Geral da União. Arnaldo Flores também trabalhou na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos por 22 anos, onde exerceu diversas atividades nos escritórios de Manaus e de Brasília, como gerente Comercial, Administrativo, Financeiro e de Auditoria Interna.



## Lenovo traça planos para ampliar fatia do mercado

**RICHARD RODRIGUES**

Equipe EM TEMPO

**T**rês dias após anunciar a aquisição da CCE, o grupo Lenovo afirma ter planos audaciosos para iniciar as atividades na planta do Polo Industrial de Manaus (PIM). Com os produtos da marca CCE, todos fabricados no parque fabril manauense, a multinacional pretende atingir 7% de market share em território nacional com a "parceria".

De acordo com o CEO da CCE, Roberto Sverner, o avanço na conquista pelo mercado nacional se dará por conta do conhecimento que a CCE tem da necessidade dos consumidores aliados à capacidade global de inovação que a Lenovo pretende trazer para as linhas de produção da unidade

fabril do PIM. "O plano é que a Dígibras, empresa do grupo CCE, se torne uma subsidiária integral da Lenovo e, a partir da aquisição, as duas empresas juntas conquistem 7% de market share", destacou o executivo, ao pontuar que as duas empresas juntas são uma combinação potente.

### Atividade normal

O executivo acrescentou, ainda, que a compra da indústria brasileira não afetará a produtividade da empresa no PIM. "As operações permanecerão inalteradas e a marca CCE terá continuidade, assim como os seus produtos. Durante e após a transição, não haverá interrupção nas operações de arribas as empresas, incluindo fabricação, atendimento, entrega de produtos e garantia. As marcas

atuais dos produtos da CCE e da Lenovo permanecerão as mesmas para maximizar os pontos fortes de cada empresa", garantiu o executivo, que permanece no cargo mesmo após a compra da empresa pela Lenovo.

Além das operações, o quadro de trabalhadores da CCE em atividade também não será alterado. Segundo ele, todos os funcionários serão mantidos e não haverá demissões. "A união das empresas é boa para a economia brasileira, pois vai estimular a geração de empregos, melhorar a competitividade da linha de produtos da CCE e aprimorar as operações brasileiras de uma das maiores empresas globais no período que antecede a Copa do Mundo e a Olimpíada de 2016, quando os olhos do mundo estarão voltados para o Brasil", pontuou.

## Lenovo traça planos para ampliar fatia do mercado (continuação)

### Grupo quer liderança em PCs

O Grupo Lenovo, o segundo maior fabricante de PCs do mundo, anunciou a aquisição da CCE, na última quarta-feira. A compra expande de forma significativa a presença da Lenovo no terceiro maior mercado de PCs do mundo, ampliando a sua capacidade de fabricação local e seu portfólio, que abrangerá as quatro plataformas de produtos que definem a nova "era PC+": PCs, tablets, smartphones

e TVs. Ao mesmo tempo, o acordo alinhará os negócios lucrativos e crescentes da CCE com um parceiro global, que vai aumentar a sua força, capacidade de inovação, portfólio de produtos e recursos na cadeia de suprimentos.

Dedicada a construir PCs de alta performance e dispositivos de internet móvel, a Lenovo vai investir no país em inovação, qualidade e em uma forte operação estratégica. Formada a partir da

aquisição da divisão de PCs da IBM, a Lenovo fabrica produtos e desenvolve serviços de tecnologia confiáveis, seguros e fáceis de usar. Suas linhas incluem os legendários computadores Think e uma família de dispositivos móveis, incluindo tablets e smartphones. A Lenovo tem grandes centros de pesquisa em Yamato (Japão), Pequim (China) e Raleigh (Carolina do Norte/EUA). Para mais informações, acesse [www.lenovo.com.br](http://www.lenovo.com.br).

## Alfredo MR Lopes Comunhão de bens

São arrojadas e promissoras as incursões das entidades de classe do Polo Industrial de Manaus, Fieam/Cieam, na aproximação estratégica entre pesquisa acadêmica e chão de fábrica, uma premissa inteligente na agenda de luta para alcançar competitividade. Mais do que isso: assegurar o adensamento, perenização e sustentabilidade do modelo industrial com seus imperativos de inovação tecnológica. Daí o acerto das lideranças empresariais em cortejar a academia, propiciar aos pesquisadores a tematização dos gargalos e fragilidades do processo produtivo e às empresas convocar – no âmbito do planejamento e revisão de condutas – massa crítica qualificada para rentabilizar seus negócios. Um jogo de ganha-ganha, estratégico e vital, para desembaraçar rotinas e processos de crescimento e prosperidade.

Tais iniciativas sugerem, ainda, a convicção de que a economia do modelo não pode se apoiar exclusivamen-

te nos pilares temerários dos incentivos fiscais, e de que os indicadores bilionários do desempenho da indústria não resistem à análise mais rigorosa da sustentabilidade e de retroalimentação da estrutura produtiva, muito menos se relaciona à superação dos gargalos de infraestrutura que fulminam sua competitividade. O esvaziamento de alguns polos industriais da ZFM empurra-nos a refletir sobre, o que fizeram outros países, como Cingapura, Coreia, o próprio Japão, numa reviravolta desde o pós-guerra, Índia, Finlândia e a própria China. Eles pensaram e realizaram revoluções em inovação tecnológicas. Basta conferir seus nomes nos objetos cotidianos de alto valor agregado, com alto conteúdo de inteligência e desempenho comercial. Um insumo que o Brasil exporta – o projeto Genoma que o diga – mas não tem sabido instrumentalizar em seu benefício.

Na companhia do cientista José Walter Bautista Vidal,

idealizador do Programa do Alcool, conheci de perto, nos anos 80, as pesquisas de biocombustível do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos-SP, onde as oleaginosas da Amazônia, catalogadas pelo Inpa e testadas pela Embrapa, inspiraram/provocaram a criação do protótipo do primeiro motor – patente brasileira – movido a óleo vegetal. O ITA é paradigma exponencial das promessas e produtos do namoro fecundo entre a academia e o setor produtivo. O desembarque da Embraer no topo do ranking da indústria aeronaval mundial é testemunho disso. Por que, então, não apostar nas áreas da engenharia naval, de alimentos, biotecnologia, inteligência artificial, nanotecnologia, genética, energias alternativas... criando na Amazônia, entre o chip e o cipó, institutos tecnológicos como o ITA, ou como a Biópolis de Singapura? Quanto custaria isso em relação aos gastos da Copa da Fifa? Como tornar atraente e

emergencial esta saída para gestores públicos ou doutorandos desestimulados com a política salarial em vigor? Como atrair, nesse contexto, os melhores cérebros como fizeram os demais países?

Cabe ainda especular: por que não substituir a compulsão arrecadatória federal, como estratégia de aumento futuro da receita, por uma política de partilha dos investimentos em inovação com o setor privado? Em 2010, o Brasil apresentou 492 pedidos de patentes por meio do Tratado de Cooperação em Patentes, bem atrás de outros países em desenvolvimento, entre eles China, 12.295, Coreia do Sul 9.668, Índia 1.313 e Cingapura 642. Eis o tamanho constrangedor da inovação tecnológica nacional. As empresas, obviamente, reconhecem que o investimento em inovação agrega valor ao produto, mas sucumbem à cangalha de uma carga tributária que sequestra 37% do faturamento. Recentemente, o governo taxou em 20% patrões e beneficiários

de empresas que oferecem/ usufruem bolsas de inovação, na contramão do discurso e do arcabouço legal que se propõe a incentivar o desafio, como a Lei do Bem e da Inovação. É sintomático que o Brasil tenha apenas 300 universidades corporativas, contra 3000 dos Estados Unidos. Investimento em revolução tecnológica, entretanto, nada tem a ver com empreendimento em infraestrutura acadêmica que remete a projetos de shoppings de graduação, onde as prateleiras pedagógicas do saber propiciam promoção comercial em latu e stricto senso. Uma perspectiva restritiva e coercitiva da potencialidade da educação como único fator de efetiva transformação econômica e social. O desafio desse namoro, entre empresa, academia e participação proativa do poder público, é ambicioso e promissor, com juras sinceras de reciprocidade e perenidade de rebentos e resultados, num casamento com inarredável comunhão de bens.



**Alfredo MR Lopes**  
Filósofo e consultor ambiental

“  
As empresas, obviamente, reconhecem que investimento em inovação agrega valor ao produto, mas sucumbem à carga tributária”